

DOSSIÊ: MUSEOLOGIA E EDUCAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Adriana Mortara Almeida*

Museu Histórico do Instituto Butantan

A ligação entre Museologia e Educação não é nova e sofreu modificações ao longo do tempo. Os museus, definidos como espaços de lazer e educação, recebem públicos diversos, e entre esses muitos têm como motivação “aprender” alguma coisa. Esta área de atuação dos museus - educação em museus, educação museal, educação patrimonial, arte-educação, mediação – e os profissionais que nela atuam – monitor, guia, educador, mediador, animador e arte-educador – recebem diferentes denominações de acordo com as crenças e práticas de cada responsável. Como pode ser percebido por meio dos artigos presentes neste Dossiê, essas diferenças permanecem e fazem parte de alguns dos questionamentos colocados. Adotarei aqui os termos educação museal e educador, que me parecem associados às teorias e práticas que considero mais adequadas neste campo.

Em uma parte das 3.025 “unidades museológicas mapeadas” (IBRAM, 2011), educadores atuam para torná-las cada vez mais acessíveis aos mais variados públicos. Por meio de pesquisas e experimentações, programas educativos são desenvolvidos em diferentes tipos de museus em todo o país. Além disso, pesquisas são desenvolvidas nas universidades ampliando as reflexões acerca desse campo da Educação Museal.

É importante ressaltar que a Museologia é uma disciplina que ultrapassa as fronteiras dos museus e a Educação também não se resume às reflexões e ações realizadas por educadores. Em vários artigos aqui apresentados há exemplos de teorias e práticas que extrapolam os muros das instituições museológicas e as ações realizadas por educadores.

Neste dossiê “Museologia e Educação” com artigos de investigadores que atuam na pesquisa e docência universitárias, assim como aqueles que estão nos museus coordenando e executando ações educativas no Brasil, México, Estados Unidos e Canadá, algumas tendências comuns podem ser identificadas, assim como dissonâncias.

A presença de Paulo Freire como referência na maior parte dos artigos indica mudança em relação ao que havia sido evidenciado por Maria Iloni Seibel Machado (2009: 91) ao longo da análise de vinte e seis trabalhos acadêmicos sobre educação em museus realizados entre 1987 e 2006: apenas quatro deles tinha como referência Paulo Freire. A retomada de ideias de Paulo Freire mostra a ten-

* Diretora do Museu Histórico do Instituto Butantan. Coordenadora do CECA-Brasil e vice-presidente do ICOM Brasil. mortaraalmeida@gmail.com

dência de valorização nos museus do papel do educando no processo educativo.

Os norte-americanos John Falk e Lynn Dierking são também citados com frequência nos artigos. As inúmeras pesquisas realizadas pelos autores, além do modelo proposto da experiência museológica, que engloba o contexto pessoal, o contexto físico e o contexto social, permitiram visões mais amplas sobre aprendizagem em museus e sobre os visitantes das exposições.

Novas teorias, autores e referenciais são trazidos para as análises: Basil Bernstein (discurso pedagógico, recontextualização etc.), Etienne Wenger (comunidades de práticas), David Anderson (direitos culturais e museus), Jean-Marie Lafortune (crítica à mediação, *médiacion*), Javier Montero (mediação crítica), entre outros.

O artigo de abertura, de Zita Rosane Possamai, “Olhares cruzados: interfaces entre História, Educação e Museologia”, traz importante discussão sobre a historiografia da educação em museus, enfatizando a necessidade de registrar e refletir sobre o percurso desse campo.

A pesquisadora mexicana Maria del Carmen Sanchez Mora faz uma importante discussão sobre comunicação e educação em museus de ciências por meio da revisão da literatura na área. A autora destaca que é necessário mudar a forma e o conteúdo das exposições em museus e centros de ciências, trazendo a participação dos públicos e diversas visões da ciência, ou seja, “dejar de exhibir una ciencia acabada, acrítica y descontextualizada, como hasta ahora se ha hecho”.

Os artigos de Luciana Conrado Martins e de Luciana Monaco e Martha Marandino apresentam análises de equipes educativas de diferentes museus (Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Museu Paraense Emílio Goeldi), buscando identificar convergências em suas práticas para identificar as especificidades do discurso pedagógico em museus e para descrever o modo de ação dessas equipes, respectivamente. Ambos os textos derivam de pesquisas de doutorado de Monaco e Martins orientadas por Marandino, pela Faculdade de Educação da USP.

Ainda de um olhar externo, a análise do programa de rádio “Papo de Criança” elaborada por Greciene Maciel e Sylvania Nascimento mostra como esse programa mobilizou crianças e jovens e facilitou a comunicação da equipe do Museu Casa Guignard com diversos setores da sociedade da cidade de Ouro Preto. A pesquisa foi originalmente realizada no doutorado de Maciel, orientada por Nascimento na Faculdade de Educação da UFMG.

O artigo de Camila Wichers parte de referenciais estabelecidos em seus dois doutorados, um realizado no Museu de Arqueologia da USP e outro na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, e avança por meio de experiências vividas em projetos de Musealização da Arqueologia. A autora problematiza as ações que envolvem museologia, arqueologia e educação e descreve como, em alguns casos, foi possível romper com práticas que desconsideravam os “sujeitos envolvidos”.

Milene Chiovatto e Gabriela Aidar analisam as suas próprias práticas realizadas na Pinacoteca do Estado de São Paulo, assim como Larissa Foronda e eu fazemos uma descrição retrospectiva das ações realizadas no Museu Histórico do Instituto Butantan. No primeiro caso trata-se de ações voltadas para a inclusão social, já consolidadas por mais de dez anos de trabalho; no segundo, apresenta-se a construção de novas práticas ao longo dos últimos três anos.

Dois artigos provenientes de instituições norte-americanas descrevem processos de avaliação: Irene Rubino, Katherine Nowak, Hanna Hipp, Giuseppe Monaco da Smithsonian Institution mostram como realizaram a avaliação de conferências e discussões promovidas nas redes sociais por meio da análise dos textos postados pelos participantes e identificação (ou não) do pensamento crítico. A detalhada exposição da metodologia certamente contribuirá para novas reflexões em torno de uso de redes sociais em ações de educação em museus. O outro grupo, da Université de Montréal junto com École du Louvre, composto por C. Dufresne-Tassé M. C. O'Neill M. Sauvé D. Marin, apresenta a metodologia adotada para avaliar a percepção de exposições museológicas. Por meio de “Penser tout haut” (Pensar alto) o grupo desenvolveu instrumento para conhecer mais profundamente a experiência do visitante adulto na exposição, analisando o discurso registrado ao longo de toda a visita. Além de trazer essa interessante metodologia, o grupo trabalha com o público adulto, muitas vezes negligenciado nas pesquisas em museus.

O dossiê finaliza com o artigo de Cayo Honorato, que faz críticas ao sentido autoritário que a mediação tomou nas instituições museológicas e propõe a “mediação extrainstitucional” que romperia com a cadeia autoritária existente, possibilitando a participação crítica do diversos atores. Dissonante dos outros artigos em vários aspectos, o autor provoca novas reflexões e revisões de teorias e práticas consolidadas. Por outro lado, há convergências no que se refere à busca de novos caminhos na relação entre Museologia e Educação, especialmente no que concerne o “outro”, seja visitante, usuário, comunidade local, comunidade virtual, funcionários etc.

Boa leitura!

Referências

IBRAM. Museus em números, vol. I, 2011.

SEIBEL-MACHADO, M.I. O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do Museu da Vida. Campinas, 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

